

Caro Firpo

Há tempo estava eu por escrever-te, mas os afazeres não me deixaram um momento de folga. Mas, agora, o revoltante atentado contra o "Libertador" me obriga a deixar por um momento as ocupações (a época é de trabalho intenso na Faculdade) para exprimir-te quanto sou solidário, na indignação e na revolta, com os valorosos amigos de Pelotas. Se uma simples e inocente caricatura determina tais vandalismos, imagina o que não sucederá quando começarmos a escalpelar o triste govêrno que aí está. Prevejo para os próximos meses muitas perseguições e violências. O doido está disposto a não se deixar vencer nas próximas eleições municipais e os seus íntimos já assoalham que o regime será de arrôcho. Aliás, não era preciso que o dissessem. Nos municípios coloniais onde vencemos, sucedem-se as demissões, as prisões e os espancamentos. Para que avalies até onde chega o delírio de arbítrio, basta saberes que cerca de trinta casas comerciais de Porto-Alegre foram intimadas a despedir os seus viajantes, por terem estes trabalhado a nosso lado, principalmente na zona do Taquari. O mecanismo é o seguinte. As firmas Dahne e Azevedo, Moura e Guertum são as grandes empresárias do govêrno e, como muitas casas importadoras lhes fornecem material, havendo algumas que se veriam obrigadas a fechar caso lhes faltasse tal fornecimento, aquelas são que exercem a pressão sobre o comercio. Prepararemos, pois, para grandes provações.

Incluo uma carta para o dr. Assis, que peço faças chegar a destino, depois de a teres lido. Por ela verás que o Lusardo, que, como dizes, não se cansa de arranjar encrencas, nos criou mais um par de botas.

Estão-se realizando os meus prognósticos pessimistas relativos ao dinheiro para o jornal. Modificámos o sistema: fizemos um apêlo a vinte libertadores e republicanos no sentido de cada um se responsabi-

lizar pela quantia de dez contos de réis, a qual seria retirada num banco e posteriormente resgatada pela contribuição dos proprios companheiros da região. Este plano tambem não está dando o almejado resultado. Os que responderam favoravelmente (até agora quatro) reduziram a quota á metade. Por isto sugeri um outro alvitre, único que a meu ver poderá resultar, embora eu não nutra ilusões quanto á sua realização. Consiste no seguinte: A Frente Unica compromete-se a obter dentro de algumas semanas dez mil assinaturas pagas. Para isto, far-se-ia a distribuição equitativa das assinaturas pelos municipios do Estado e cada uma das direções municipais enveria imediatamente a importancia das assinaturas que lhe coubessem, cobrando-se depois á medida que estas fôsses passadas. Sei que é difficil colocar dez mil assinaturas, já porque se lê pouco, já porque a crise é forte, já porque os jornais do interior esgotam o mercado; mas não vejo outro meio e melhor, será desistirmos do jornal, se não o pudermos pôr em prática. Quando me lembro que, se tivéssemos obedecido ás repetidas injunções do Lusardo, já teríamos comprado papel no Rio, e a preço alto, o papel já estaria aqui e não teríamos com que pagá-lo...

Pego que me dêes a tua opinião sobre o alvitre por mim sugerido.

Os jornais tem feito grande alarde sobre a talda pacificação do Rio Grande. Devo dizer-te que a respeito nenhuma comunicação recebi. Há dias o Neves enviou-me um bilhete, em que me pede noticias, pois nem do Lusardo tem recebido nada, e nenhuma referencia faz á pacificação. Posso adiantar-te que o Flores tem-se irritado muito com tais noticias e está convencido de que o Getúlio deseja dar-lhe o tombo. Publicamente, attribui os boatos de pacificação a manobras do Neves e do Collor.

Estive com o Carrazzoni, conforme teu desejo. O homem fez uma retratação em regra. Fiquei de enviar-lhe uma entrevista.

Com as suas congratulações pelo belo resultado de Pelotas, deixa-te aqui um grande abraço o

P. Alegre, 16 de novº de 1934